

INHĀBITO

Vanessa Santos

Estão nos objetos do cotidiano o ponto de partida para o meu trabalho. Como num verdadeiro jogo de dados, mentais, imaginativos, espaciais, de novos e outros significados e diversas direções prováveis. Nunca há um só lugar a habitar e mesmo que momentaneamente pareça que há, é na tentativa incessante de tomá-lo para si que ele escapa por si só. E o que permanece, o que fica de fato é sempre resto e fragmento. Inhabitar é como lidar com uma presença constante de algo que sempre “escorre por entre os dedos”. Certeau dizia que “Lugares vividos são como presenças de ausências e tudo que se mostra designa aquilo que não é mais”. Os objetos aqui capturados pela câmera de vídeo são ao mesmo tempo corpo, espaço e lugar, assim como o corpo que por vezes com eles interage. Mostram-se como fragmentos de vida, já que respondem às interações com o meu corpo, como num diálogo. Porém, são também como fragmentos de mortes, de ausências já que permanecem ativos num tempo que lhes foi capturado, o tempo do próprio vídeo. Trazer o vídeo pra uma produção artística enquanto resto, enquanto memórias de ações é uma tentativa incessante de devolver, de responder a essa inhabitação da própria vida, inserida no cotidiano. Tornálos inteiramente “vivos” como quando pertenciam a alguém ou a uma casa, ativados pelo cotidiano e por gestos corriqueiros, bem isto não será mais possível porque sobre eles o tempo já terá “agido” e é isso, a vida é uma correria contra o tempo mesmo. Tudo pode acontecer em um segundo e não há garantias de que no segundo seguinte as coisas serão iguais. Não há garantias de que estaremos vivos até lá.

INHĀBITO

Vanessa Santos

Estão nos objetos do cotidiano o ponto de partida para o meu trabalho. Como num verdadeiro jogo de dados, mentais, imaginativos, espaciais, de novos e outros significados e diversas direções prováveis. Nunca há um só lugar a habitar e mesmo que momentaneamente pareça que há, é na tentativa incessante de tomá-lo para si que ele escapa por si só. E o que permanece, o que fica de fato é sempre resto e fragmento. Inhabitar é como lidar com uma presença constante de algo que sempre “escorre por entre os dedos”. Certeau dizia que “Lugares vividos são como presenças de ausências e tudo que se mostra designa aquilo que não é mais”. Os objetos aqui capturados pela câmera de vídeo são ao mesmo tempo corpo, espaço e lugar, assim como o corpo que por vezes com eles interage. Mostram-se como fragmentos de vida, já que respondem às interações com o meu corpo, como num diálogo. Porém, são também como fragmentos de mortes, de ausências já que permanecem ativos num tempo que lhes foi capturado, o tempo do próprio vídeo. Trazer o vídeo pra uma produção artística enquanto resto, enquanto memórias de ações é uma tentativa incessante de devolver, de responder a essa inhabitação da própria vida, inserida no cotidiano. Tornálos inteiramente “vivos” como quando pertenciam a alguém ou a uma casa, ativados pelo cotidiano e por gestos corriqueiros, bem isto não será mais possível porque sobre eles o tempo já terá “agido” e é isso, a vida é uma correria contra o tempo mesmo. Tudo pode acontecer em um segundo e não há garantias de que no segundo seguinte as coisas serão iguais. Não há garantias de que estaremos vivos até lá.

INHĀBITO

Vanessa Santos

Estão nos objetos do cotidiano o ponto de partida para o meu trabalho. Como num verdadeiro jogo de dados, mentais, imaginativos, espaciais, de novos e outros significados e diversas direções prováveis. Nunca há um só lugar a habitar e mesmo que momentaneamente pareça que há, é na tentativa incessante de tomá-lo para si que ele escapa por si só. E o que permanece, o que fica de fato é sempre resto e fragmento. Inhabitar é como lidar com uma presença constante de algo que sempre “escorre por entre os dedos”. Certeau dizia que “Lugares vividos são como presenças de ausências e tudo que se mostra designa aquilo que não é mais”. Os objetos aqui capturados pela câmera de vídeo são ao mesmo tempo corpo, espaço e lugar, assim como o corpo que por vezes com eles interage. Mostram-se como fragmentos de vida, já que respondem às interações com o meu corpo, como num diálogo. Porém, são também como fragmentos de mortes, de ausências já que permanecem ativos num tempo que lhes foi capturado, o tempo do próprio vídeo. Trazer o vídeo pra uma produção artística enquanto resto, enquanto memórias de ações é uma tentativa incessante de devolver, de responder a essa inhabitação da própria vida, inserida no cotidiano. Tornálos inteiramente “vivos” como quando pertenciam a alguém ou a uma casa, ativados pelo cotidiano e por gestos corriqueiros, bem isto não será mais possível porque sobre eles o tempo já terá “agido” e é isso, a vida é uma correria contra o tempo mesmo. Tudo pode acontecer em um segundo e não há garantias de que no segundo seguinte as coisas serão iguais. Não há garantias de que estaremos vivos até lá.

INHĀBITO

Vanessa Santos

Estão nos objetos do cotidiano o ponto de partida para o meu trabalho. Como num verdadeiro jogo de dados, mentais, imaginativos, espaciais, de novos e outros significados e diversas direções prováveis. Nunca há um só lugar a habitar e mesmo que momentaneamente pareça que há, é na tentativa incessante de tomá-lo para si que ele escapa por si só. E o que permanece, o que fica de fato é sempre resto e fragmento. Inhabitar é como lidar com uma presença constante de algo que sempre “escorre por entre os dedos”. Certeau dizia que “Lugares vividos são como presenças de ausências e tudo que se mostra designa aquilo que não é mais”. Os objetos aqui capturados pela câmera de vídeo são ao mesmo tempo corpo, espaço e lugar, assim como o corpo que por vezes com eles interage. Mostram-se como fragmentos de vida, já que respondem às interações com o meu corpo, como num diálogo. Porém, são também como fragmentos de mortes, de ausências já que permanecem ativos num tempo que lhes foi capturado, o tempo do próprio vídeo. Trazer o vídeo pra uma produção artística enquanto resto, enquanto memórias de ações é uma tentativa incessante de devolver, de responder a essa inhabitação da própria vida, inserida no cotidiano. Tornálos inteiramente “vivos” como quando pertenciam a alguém ou a uma casa, ativados pelo cotidiano e por gestos corriqueiros, bem isto não será mais possível porque sobre eles o tempo já terá “agido” e é isso, a vida é uma correria contra o tempo mesmo. Tudo pode acontecer em um segundo e não há garantias de que no segundo seguinte as coisas serão iguais. Não há garantias de que estaremos vivos até lá.